



Prevalência do uso de psicofármacos entre os profissionais da saúde de uma Unidade de Pronto Atendimento de Santa Catarina

Rejane Aparecida Figura Prost^a, Eloisa Pavesi^{b*}

^aCurso de graduação em Ciências Biológicas modalidade EAD, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

^bDepartamento de Ciências Morfológicas, Centro de Ciências Biológicas. Programa de pós-graduação em Neurociências, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Histórico do Artigo:

Recebido em: 06/03/2023

Aceito em: 04/05/2023

Palavras-chave:

peçoal de saúde; estresse ocupacional; transtornos mentais; psicofármacos

Keywords:

health personnel; occupational stress; mental disorders; psychotropic drugs

RESUMO

O objetivo foi verificar a prevalência do uso de psicofármacos por profissionais que atuam na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Canoinhas-SC e analisar os casos em que há relação com seu ambiente de trabalho. Os profissionais voluntários responderam ao questionário da pesquisa com questões sociodemográficas, prática de esportes bem como características emocionais e do ambiente de trabalho. Foi perguntado sobre o uso de psicofármacos, os motivos e a relação com o trabalho. A maior parte dos trabalhadores foram mulheres (87,9%) com idade entre 30-59 anos (81,8%). A maioria são técnicos de enfermagem (51,5%) e enfermeiros (24,2%). Trabalham na área há mais de 10 anos (36,4%) e 60,6% relataram não trabalhar em outro lugar. Entre os participantes 10 funcionários (30,3%) referiram fazer uso de psicofármaco, sendo todas mulheres e com prevalência de 34,5% do sexo feminino. O antidepressivo fluoxetina (25%) e o hipnótico zolpidem (25%) foram os medicamentos mais relatados, devido as causas de ansiedade (33,3%), insônia (38,9%), depressão (16,7%) e dor (11,1%). A área de atuação profissional não apresentou correlação com o consumo de psicoativos, no entanto foi identificado correlação significativa ($p < 0,05$) entre o uso desses medicamentos com o estresse no trabalho e considerar-se uma pessoa estressada. Ainda, 90% que utilizam medicamentos psicoativos declararam que o uso possui relação com o estresse profissional. A grande maioria dos profissionais que atuam na UPA consideram o ambiente de trabalho estressante e exaustivo, e considerar-se uma pessoa estressada ou o ambiente estressante são condições associadas ao consumo de psicoativos.

Prevalence of the use of psychotropic drugs among health professionals in an Emergency Care Unit in Santa Catarina

ABSTRACT

The aim was to verify the prevalence of the use of psychotropic drugs by professionals working in the Emergency Care Unit of Canoinhas-SC and to analyze the cases in which there is a relationship with their work environment. Volunteer professionals answered the survey questionnaire with sociodemographic questions, sports practice as well as emotional characteristics and the work environment. It was asked about the use of psychotropic drugs, the reasons and the relationship with work. Most workers were women (87.9%) aged between 30-59 years (81.8%). Most were nursing technicians (51.5%) and nursing (24.2%). They have been working in the area for over 10 years (36.4%) and 60.6% reported not working elsewhere. Among the participants, 10 employees (30.3%) reported using psychotropic drugs, all women and with a prevalence of 34.48% in females. Antidepressant fluoxetine (25%) and hypnotic zolpidem (25%) were the most reported medications, due to the causes of anxiety (33.3%), insomnia (38.9%), depression (16.7%) and pain (11.1%). The area of expertise was not related to the consumption of psychoactive drugs, however a significant correlation ($p < 0.05$) was identified between the use of these medications and stress at work and considering oneself a stressed person. Still, 90% who use psychotropic medications stated that their use is related to professional stress. The vast majority of professionals who work in the Emergency Care consider the work environment stressful and exhausting, and considering themselves a stressed person or the stressful environment are conditions associated with the consumption of psychoactive drugs.

* Autora correspondente: e.pavesi@ufsc.br (E. Pavesi)

1. Introdução

Os profissionais de saúde trabalham em um ambiente com elevada demanda emocional e encontram-se vulneráveis ao estresse (1). Em relação a exposição psíquica, convivem diariamente com situações de dor, sofrimento e morte (2). As condições de trabalho muitas vezes são inadequadas e acabam agravando a vulnerabilidade do trabalhador. O profissional, embora tenha conhecimento técnico e científico para desenvolver suas atividades, se vê impotente porque os recursos hospitalares e a infraestrutura não são adequados para a demanda de atividades. Aliado ao regime de trabalho, com escalas de plantão e sobreaviso, faz com que os mesmos passem por situações de grande sofrimento emocional. Em alguns casos, precisam abrir mão do lazer e da sua família, não tendo tempo nem para suas atividades de descanso ou higiene pessoal, por exemplo, (3). Além desses fatores, podem estar fisicamente expostos aos riscos químicos, as radiações e contaminações (4).

Muitas vezes, o estresse no trabalho está associado a alta prevalência de uso de drogas, casos de suicídios, transtornos psicológicos e disfunções profissionais (4-6). Devido à facilidade de acesso e de autoadministração, podem estar mais expostos e vulneráveis ao abuso de medicamentos psicoativos, como os ansiolíticos e hipnóticos, podendo ocasionar tolerância e dependência, levando ao aumento da frequência de uso e da dose dessas substâncias (7).

O indivíduo que passa por situações contínuas de intenso estresse emocional pode ficar fragilizado e com grandes chances de desenvolver problemas psiquiátricos. Por exemplo, depressão, ansiedade, dores generalizadas, problemas cardiovasculares e gástricos são condições frequentemente relatadas em situações de conflito social e estresse (8-10). O estresse é considerado uma resposta fisiológica e comportamental do indivíduo ao tentar ajustar-se às pressões internas e externas. A energia necessária para tal adaptação é limitada e assim o indivíduo entra na fase de esgotamento (11). O estresse pode acometer o profissional da saúde de maneira intensa, a tal ponto que o indivíduo recorre ao uso de substâncias psicoativas na tentativa de minimizar as tensões vivenciadas diariamente (4).

Em estudos já realizados, mostrou-se predominância de mulheres que atuam na área da enfermagem (12). Sendo também entre elas a maior incidência de uso de psicofármacos (4). Os antidepressivos são os mais utilizados considerando o transtorno depressivo ser o quarto maior problema de saúde no mundo (13). A partir desses dados, este trabalho tem como objetivo verificar a prevalência no uso de psicofármacos entre os profissionais de uma unidade de saúde, relacionado com o perfil do trabalhador e do ambiente de trabalho. Em consequência de um cotidiano exaustivo, limitante e situações de convivência com o sofrimento alheio, o uso de psicofármacos por trabalhadores de um estabelecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) passou a se tornar um evento cada vez mais comum (14). Sendo assim, este trabalho buscou testar a hipótese de que o estresse do ambiente de trabalho de uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) poderia aumentar o uso de medicamentos psicoativos entre os trabalhadores.

Neste artigo buscou-se discorrer sobre a prevalência de consumo de psicofármacos entre os trabalhadores da UPA de Canoinhas, bem como comparar com outros estudos que avaliaram o uso desses medicamentos em profissionais da rede de saúde e assim promover políticas para melhorar as condições dos profissionais da saúde no seu cotidiano.

2. Material e métodos

Trata-se de um estudo descritivo transversal, com abordagem quantitativa e qualitativa que buscou identificar a prevalência do uso de psicofármacos por profissionais do serviço de Pronto Atendimento de Saúde, e assim traçar o perfil epidemiológico de cada usuário.

A pesquisa foi realizada com funcionários da UPA do município de Canoinhas, a única UPA existente na cidade. Neste local trabalham aproximadamente 50 pessoas incluindo profissionais da saúde e outros cargos. Segundo a coordenadora da UPA, foram contratados 25 técnicos de enfermagem, 5 enfermeiros, 10 médicos (em média), 7 profissionais que atuam no suporte da enfermagem e raio X, 5 serventes e alguns profissionais que trabalham como motorista da ambulância e outros na recepção. Esses profissionais trabalham em regime de escala, sendo que são divididos em 4 equipes ou 4 turnos diferentes.

O município de Canoinhas, onde ocorreu o estudo, está situado na região do Planalto Norte de Santa Catarina e possui segundo último censo em 2010, uma população de 52.765 habitantes, estimada em 54.480 habitantes em 2020. Na UPA são atendidos diariamente mais de 150 pacientes em situações de urgência/emergência e casos de menor gravidade.

As entrevistas aconteceram em períodos alternados (manhã, tarde e noite), procurando seguir as escalas de trabalhos dos profissionais. Os participantes responderam ao questionário de modo voluntário, depois de serem informados sobre os objetivos da pesquisa. A coleta de dados ocorreu entre 21 de abril a 21 de maio de 2021, através da aplicação de um questionário elaborado pelos autores e aceito pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Os dados sociodemográficos considerados na entrevista foram idade, sexo, situação conjugal, área de atuação e carga horária de trabalho. Com relação às variáveis farmacoterapêuticas foram elaboradas questões sobre o uso de psicofármacos, incluindo nome do medicamento ou princípio ativo, frequência de uso e finalidade da medicação. Para fins de conhecimento, os entrevistados foram questionados sobre a intenção de interromper ou reduzir a medicação. Foram inclusas questões referentes à profissão e/ou ao trabalho do participante. Os participantes responderam ainda de forma binária como sim ou não as seguintes questões: “Pratica algum exercício físico”, “Considera-se uma pessoa estressada”, “Considera o ambiente de trabalho estressante e/ou exaustivo”.

As demais variáveis constantes do questionário foram utilizadas para descrever as características relacionadas à farmacoterapia. Os medicamentos descritos pelos entrevistados foram analisados na nomenclatura do princípio ativo e classificados pela padronização internacional do código ATC (Anatomical Therapeutic Chemical Code). Os participantes ainda responderam o tempo de uso, categorizado entre 6 meses até um ano, de 1 a 2 anos, 2 a 4 anos e 5 anos ou mais. A frequência de uso descrito foi “diariamente”, “dia sim e dia não”, “as vezes”. Ainda foi perguntado sobre o uso de prescrição médica. Os motivos relatados para o uso de psicotrópicos continham as seguintes questões para assinalar: Ansiedade () - Depressão () - Dores () - Síndrome do Pânico () - Fobias () - Insônia () Outro () – Qual ou quais.

Os participantes ainda foram questionados sobre “já pensou em parar a medicação” e “Considera o uso do medicamento com alguma relação como trabalho”.

Inicialmente, foi realizado a análise descritiva dos dados com a distribuição de frequência das variáveis sociodemográficas para traçar o perfil epidemiológico da amostra. A análise da variável idade foi categorizada em três faixas: de 18 a 29 anos, 30 a 59 anos e acima de 60 anos. O estado civil, área de atuação, carga horária e emprego

adicional foram analisados conforme as opções existentes e para o tempo de atuação utilizou-se três categorias: até 5 anos, de 5 a 9 anos e 10 anos ou mais. A análise bivariada, através do teste do qui-quadrado de Pearson, foi empregada para analisar a associação entre as variáveis demográficas e o uso dos psicofármacos. O nível de significância considerado foi de $p < 0,05$. O software utilizado para análise dos dados foi o SPSS versão 22 (SPSS Inc., Chicago, Estados Unidos).

O projeto da pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/Conep), e aprovado sob o número CAAE: 42612721.1.0000.0121.

3. Resultados

Participaram da entrevista 33 funcionários da Unidade de Pronto Atendimento da cidade, totalizado 66% da população pretendida. Sendo 2 médicos, 8 enfermeiros, 17 técnicos de enfermagem, 4 auxiliares de enfermagem e 2 serventes. Os demais funcionários não foram localizados ou não quiseram participar da pesquisa. Em relação às características sociodemográficas dos sujeitos da pesquisa, verificou-se que a grande maioria 87,9% era do sexo feminino e apenas 12,1% do sexo masculino. Na distribuição da faixa etária da população estudada, a idade variou entre 18 a 59 anos, sem diferença entre homens e mulheres. Quanto à idade dos entrevistados 18,2 % encontravam-se na faixa etária de 18 e 29 anos e 81,8% dos profissionais com idade entre 30 e 59 anos. Casados ou que moravam com companheiro(a) representavam 54,5%. Quanto ao perfil dos profissionais estudados, 51,5% exercem a função de técnicos de enfermagem, 24,2% atuam como enfermeiros, 12,1% auxiliar de enfermagem, 6,1% são médicos e 6,1% dos analisados são serventes. Os resultados mostraram que 36,4% trabalhavam na área há 10 anos ou mais e 60,6% relataram não trabalhar em nenhum outro lugar. De acordo com os resultados apresentados na tabela 1, os que praticam algum tipo de atividade física somam 36,4% e os que relataram não praticar atividades foram 63,6%. Entre os profissionais analisados 51,5% declararam ser pessoas estressadas e 75,8% consideraram o ambiente de trabalho um lugar estressante. Entre os participantes analisados 10 indivíduos (30,3%) referiram fazer uso de algum psicofármaco, sendo todos do sexo feminino.

Tabela 1 – Características dos profissionais entrevistados de acordo com o sexo.

Variáveis	Homens		Mulheres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Idade						
18-29 anos	1	25	5	17,2	6	18,2
30-59 anos	3	75	24	82,8	27	81,8
60 anos ou mais	-		-		-	
Estado Civil						
Solteiro	2	50	10	34,5	12	36,4
Casado	2	50	16	55,2	18	54,5
Divorciado			2	6,9	2	6,1
Viúvo			1	3,4	1	3,0
Área de atuação						
Servente	-		2	6,9	2	6,1
Auxiliar de Enfermagem	-		4	13,8	4	12,1
Técnico de Enfermagem	2	50	15	51,7	17	51,5
Enfermeiro	-		8	27,6	8	24,2
Médico	2	50	-		2	6,1
Tempo de atuação						
Até 5 anos	2	50	10	34,5	12	36,4
5-9 anos	-		9	31,0	9	27,3
10 anos ou mais	2	50	10	34,5	12	36,4
Carga horaria semanal						
Até 40 horas	1	25	28	96,5	29	87,9
Mais de 40 horas	3	75	1	3,4	4	12,1
Emprego adicional						
Sim	1	25	12	41,38	13	39,39
Não	3	75	17	58,62	20	60,61
Prática de esportes						
Sim	4	100	8	27,59	12	36,36
Não	-		21	72,41	21	63,64
Estresse						
Sim	2	50	15	51,72	17	51,52
Não	2	50	14	48,28	16	48,48
Estresse no trabalho						
Sim	4	100	21	72,41	25	75,8
Não	-		8	27,59	8	24,24
Uso de psicofármaco						
Sim	-		10	34,5	10	30,3
Não	4	100	19	65,5	23	69,7

Dos profissionais analisados que relataram fazer uso de um ou mais psicofármacos, 3 pessoas faziam uso de zolpidem, 3 usavam fluoxetina, 2 clonazepam, 2 indivíduos utilizavam citalopram, 1 entrevistado estava fazendo tratamento com cloridrato de lítio e 1 com sertralina (tabela 2). Ainda 2 sujeitos relataram utilizar mais de um psicofármaco ao mesmo tempo. Fazem uso da medicação até 1 ano 40%, de 1 a 2 anos 10%, de 2 a 4 anos 10% e de 5 anos ou mais 40%. Ainda com relação à frequência de uso do medicamento, 60% relataram usar diariamente, 30% usavam às vezes e 10% faziam uso a cada dois dias. Dos usuários de psicofármacos, 100% informaram ter prescrição médica do medicamento usado. Entre os motivos do uso desses medicamentos, 5 entrevistados relataram apenas um único motivo, sendo 3 para a insônia e 2 devido a ansiedade. Os demais relataram mais de um motivo, como dor e insônia, ansiedade e insônia ou ansiedade e dor. Dois participantes relataram mais de dois motivos. Como demonstrado na tabela 2, entre os motivos considerados para o uso de medicamentos psicofármacos;

38,9% usavam para insônia, 33,3% administravam a medicação para ansiedade, 16,7% para depressão e 11,1% faziam uso para dor. Ainda sobre a administração dos psicofármacos, 50% dos usuários relataram o desejo de interromper o uso da medicação e 50% declararam não tentar ou não querer deixar de usar os medicamentos. Entre os que afirmaram que o uso dos psicofármacos tem relação com o trabalho ou seu ambiente foram 90% e apenas uma pessoa (10%) relatou não ter nenhum tipo de relação com o trabalho.

Tabela 2 – Distribuição dos sujeitos entrevistados que fazem uso de algum psicofármaco.

Variáveis	N	%
Psicotrópico utilizado		
Zolpidem	3	25
Fluoxetina	3	25
Clonazepam	2	16,7
Citalopram	2	16,7
Cloridrato de lítio	1	8,3
Sertralina	1	8,3
Motivos para o uso de psicofármaco		
Insônia	7	38,9
Ansiedade	6	33,3
Depressão	3	16,7
Dor	2	11,1
Tempo de uso		
Até 1 ano	4	40
1-2 anos	1	10
2-4 anos	1	10
5 anos ou mais	4	40
Frequência de uso		
Diariamente	6	60
A cada dois dias	1	10
As vezes	3	30
Uso de prescrição médica		
Sim	10	100
Não	-	-
Já pensou em interromper o uso		
Sim	5	50
Não	5	50
Relação do uso com o trabalho		
Sim	9	90
Não	1	10

Sobre a correlação entre o uso de medicamentos psicoativos e as características sociodemográficas, não foram encontradas diferenças significativas em relação ao sexo, embora todos que responderam fazer uso de psicoativos eram mulheres, sendo a prevalência entre mulheres de 34,5%. Idade e estado civil também não mostraram diferenças significativas (tabela 3). Quanto à prevalência dos entrevistados, com relação à faixa etária entre 30 a 59 anos foi de 33,3% que utilizavam psicofármacos. A prevalência entre divorciados foi de 50%, casados 27,8% e solteiros 33,3%. Em relação ao uso de psicofármacos e a área de atuação dos entrevistados, a prevalência entre auxiliar de enfermagem foi de 50,0%, técnico de enfermagem 41,2% e enfermeiros 12,5%.

Em relação a carga horária houve prevalência de 34,5% entre os que trabalhavam até 40 horas semanais e utilizavam psicofármacos. Entre os sujeitos analisados que trabalhavam por 10 anos ou mais a prevalência para o uso de psicofármacos foi de 41,7%. Para os que relatam algum emprego adicional a prevalência foi de 38,5% e 25% para os que não

tinham outro vínculo empregatício. O uso de psicoativos em trabalhadores que faziam alguma prática de exercício teve a prevalência de 25% e 33,3% entre os que relataram não realizar nenhum exercício físico. Com relação ao estresse, a prevalência entre as pessoas que se declararam estressada e utilizavam psicofármacos foi de 58,8% com correlação significativa ($p < 0,05$) para o uso de psicofármacos. E quanto a correlação significativa para o uso de psicofármacos entre os sujeitos que consideravam o ambiente de trabalho estressante, a prevalência encontrada foi de 40% (tabela 3). Os valores de Odds Ratio ou razão de chances foram calculados para detectar os fatores associados ao uso de psicofármacos. Para os indivíduos que relataram serem pessoas estressadas, o valor de OR foi 46,20 ($p < 0,005$) e para aqueles que consideram o ambiente de trabalho estresse o OR foi 11,52 ($p < 0,05$).

Tabela 3 – Correlação entre o uso de psicofármacos e as características dos profissionais entrevistados.

	Prevalência (%)	Qui-quadrado de Pearson	valor de p	IC 95%*
Sexo		1,98	0,16	0,27-0,44
Masculino	-			
Feminino	34,5			
Idade		0,64	0,42	0,31-0,52
18-29 anos	16,7			
30-59 anos	33,3			
60 anos ou mais	-			
Estado Civil		0,91	0,82	1,72-2,83
Solteiro	33,3			
Casado	27,8			
Divorciado	50,0			
Viúvo	-			
Área de atuação		4,63	0,33	1,95-3,21
Servente	-			
Auxiliar de enfermagem	50,0			
Técnico de enfermagem	41,2			
Enfermeiro	12,5			
Médico	-			
Carga Horária		1,98	0,16	2,66-4,38
Até 40h	34,5			
Mais de 40h	-			
Tempo de atuação		1,17	0,56	3,79-6,24
Até 5 anos	25,0			
5-9 anos	22,2			
10 anos ou mais	41,7			
Emprego adicional		0,68	0,41	0,40-0,65
Sim	38,5			
Não	25,0			
Prática de esporte		0,25	0,62	0,39-0,65
Sim	25,0			
Não	33,3			
Estresse		13,50	0,00024	0,41-0,67
Sim	58,8			
Não	-			
Estresse no trabalho		4,59	0,03	0,35-0,57
Sim	40,0			
Não	-			

* intervalo de confiança de 95%

4. Discussão

Os resultados obtidos, assim como em outros estudos, demonstram maior prevalência entre mulheres que trabalham na área da saúde (15, 16). Segundo um estudo realizado pelo Ministério da Saúde no ano 2000, o qual teve por objetivo traçar o perfil de médicos e enfermeiros no Programa de Saúde da Família, foi observado na saúde pública que predominantemente o espaço tem concentração de trabalho feminino (17). Nesse trabalho mais da metade dos entrevistados foram os técnicos de enfermagem e os enfermeiros. Outros estudos também detectaram maior prevalência de técnicos de enfermagem nos serviços de saúde (18).

O uso de psicofármacos foi relatado por 30,3% dos entrevistados, com a prevalência de 34,5% em mulheres. Medicamentos psicoativos são substâncias químicas que atuam como modificadores seletivos do Sistema Nervoso Central produzindo modificações comportamentais de humor e cognição. Antidepressivos, ansiolíticos, hipnóticos e estabilizantes de humor fazem parte dessa categoria (19). Os medicamentos antidepressivos são mais utilizados na atualidade para tratar transtornos psicológicos. A alta prevalência se dá pelo fato dos transtornos depressivos serem o quarto maior problema de saúde no mundo (13). Confirmando este dado, em nosso estudo a classe de psicofármacos mais utilizada pelos participantes da pesquisa foi também os antidepressivos, especialmente fluoxetina. A fluoxetina é um inibidor seletivo da recaptção de serotonina, eficiente e bem tolerada com baixo risco de efeitos indesejados, justificando o maior número de sua prescrição (20). O zolpidem também foi um dos medicamentos mais utilizados em nossas análises. Seu uso clínico é para o tratamento da insônia, com a vantagem de reduzir os efeitos colaterais em relação a outros fármacos sedativos hipnóticos da classe dos benzodiazepínicos (21).

O uso prolongado de psicofármacos podem causar tolerância, uma resposta de sensibilidade pré-existente ou adquirida pelo paciente (19). Além disso, o grupo de medicamentos psicoativos que pode exercer ação estimulante no sistema nervoso central ou ação sedativa, tranquilizante e ansiolítica, apresentam maiores riscos de tornar o usuário dependente. A dependência é um impulso que faz o indivíduo usar a substância de modo contínuo ou descontrolado. Quando interrompida ou diminuída a ingestão da droga um conjunto de sintomas são sentidos pelo indivíduo, entre eles ansiedade, fraqueza, sudorese, tremor náuseas e depressão (19). Entre os entrevistados 17% relataram o uso de benzodiazepínicos há pelo menos cinco anos com frequência diária ou a cada dois dias.

A prevalência do uso de psicofármacos entre os trabalhadores está bem próxima ao de outro estudo realizado com servidores públicos federais em Tocantins (22). Vários estudos mostram que de 10 a 15% dos profissionais de saúde farão uso de algum tipo de droga durante sua carreira (4). Em um estudo realizado em um Hospital de Uberaba- MG com trabalhadores que atuam na enfermagem, mostrou que 36% das enfermeiras relataram sofrer de algum transtorno psíquico como depressão, estresse e ansiedade (23). Entre os fatores que contribuem para que ocorram transtornos mentais relacionados ao trabalho, podem estar à sobrecarga e jornadas excessivas de trabalho, padrão de sono comprometido, baixa remuneração, mais de um vínculo empregatício e demandas de trabalho (24). Ainda, o sofrimento psíquico do trabalhador pode estar associado ao desgaste no trabalho, ao apoio social insuficiente, ao sentimento de insegurança no trabalho e à instituição de atuação do profissional (25).

Os principais motivos de uso relatados neste trabalho foram insônia, ansiedade e depressão. Estes achados estão de acordo com vários outros estudos (26, 27). A depressão

é um transtorno que altera o humor e a percepção emocional. Entre os sintomas característicos do transtorno estão, profunda tristeza, insegurança, apatia, desmotivação, perda de concentração e insônia (28). Além disso, metade dos participantes relataram dois ou mais motivos para o uso de psicofármacos, como insônia e ansiedade, ou ansiedade e dor. Em psiquiatria, as comorbidades são frequentemente relatadas por pacientes e muitas vezes as medicações possuem finalidades gerais. Os antidepressivos tricíclicos, por exemplo, são utilizados para o tratamento da depressão e dor crônica. Da mesma forma os ansiolíticos benzodiazepínicos são utilizados para insônia e depressão (19).

Outro ponto que chama atenção é que grande parte desses profissionais declarou que não pratica nenhum tipo de esporte ou atividade física, o que os torna pessoas sedentárias e com alto risco de desenvolver doenças relacionadas e que poderão influenciar ainda mais no nível de estresse já presente em seu dia a dia (4). Apesar disso, nosso estudo não detectou correlação entre o uso de psicoativos com a ausência de atividade física regular. Estudos apontam que a prática de exercícios físicos está relacionada com uma melhor qualidade de vida do praticante, contribuem com a saúde mental e são eficientes na redução dos sintomas de transtornos psicológicos (3).

Metade dos usuários relatou o desejo de interromper o tratamento. Quando em consenso entre médico e paciente, o processo de retirada se inicia de maneira gradativa por algumas semanas ou meses. Muitas vezes há dificuldades em distinguir sintomas da abstinência aos do reaparecimento dos transtornos psiquiátricos, podendo levar ao fracasso nas tentativas de interromper o medicamento (29). Nesse presente estudo, foi demonstrado que o uso de psicofármaco esteve correlacionado com condições emocionais relatadas pelos participantes. Ou seja, indivíduos que se consideram estressados apresentam maior chance em utilizar esses medicamentos. De forma semelhante, o estresse no trabalho foi um fator associado positivamente ao consumo de psicoativos. É crescente o número de trabalhos que buscam identificar e avaliar o estresse ocupacional em trabalhadores da área da saúde (9). O esgotamento profissional tem sido apontado como uma das áreas de impacto negativo no bem-estar físico e mental (3). Trabalhar em estabelecimentos de saúde muitas vezes é algo exaustivo e estressante, diante das condições de insalubridade e dedicação a profissão (25). O estresse crônico presente na rotina dos trabalhadores que atuam nesse tipo de ambiente pode provocar problemas emocionais (3).

A jornada de trabalho é um dos fatores que podem impactar negativamente na saúde mental e bem-estar no trabalho. Dos entrevistados grande maioria relatou que trabalha até 40 horas por semana, mas que podem estar distribuídos em turnos com plantões noturnos e fins de semana. A carga horária média de trabalho profissional, de um modo geral, pode ser superior quando à existência de mais de uma atividade remunerada, sendo inclusive superiores ao limite de quarenta e quatro horas estabelecido pela constituição brasileira que ampara os trabalhadores em geral (30). Em um estudo realizado com médicos anesthesiologistas de Maceió que teve como objetivo avaliar a correlação da carga horária de trabalho com o desenvolvimento da síndrome de burnout nesses profissionais, mostrou que o excesso de trabalho e falta de tempo para lazer aliados as condições de trabalho influenciam a saúde e bem-estar do trabalhador (31).

Em relação ao estresse nossos resultados mostraram que aproximadamente metade dos entrevistados consideram-se pessoas estressadas. Já os que acham o ambiente de trabalho estressante ou exaustivo somam 75,7% dos profissionais analisados. Em estudo que avaliou a prevalência de burnout em técnicos de enfermagem de unidades básicas de saúde, demonstrou um resultado ainda maior, onde 82% dos profissionais consideram o trabalho estressante (1). Os profissionais da área da saúde em sua jornada de trabalho estão suscetíveis a psicopatologias, como transtornos psicológicos em decorrência da relação entre o trabalho hospitalar e a saúde e, mais especificamente, o trabalho hospitalar

e a saúde mental do profissional. Os trabalhadores estão fisicamente expostos aos riscos químicos, às radiações, às contaminações biológicas, ao excesso de calor, ao sistema de plantões, à excessiva carga horária de trabalho; e psiquicamente, decorrente da convivência com o sofrimento, a dor, a doença e a morte, tendo que assimilar paralelamente aos seus problemas emocionais (4).

No fim de 2019, uma nova patologia com alta capacidade de contágio foi descrita sendo causado por um vírus, o novo coronavírus (SARS-CoV-19), responsável por quadros de infecções respiratórias (32). Diante desse cenário pandêmico vários estudos realizados com profissionais expostos ao vírus, como médicos, enfermeiros, técnicos e outros, mostraram grande sofrimento psíquico nesses trabalhadores (33). A falta de suprimentos médicos, falta de informações e conhecimento sobre a nova patologia, além do receio da própria contaminação, esses profissionais temiam o contágio de seus familiares e amigos (34). Em um estudo realizado em Wuhan e outras regiões da China demonstrou que os profissionais da saúde, principalmente as mulheres estavam sofrendo com algum sintoma de transtorno mental como depressão, ansiedade e insônia (35). Em um levantamento feito pelo Conselho Federal de Farmácia (2020), durante a pandemia do novo coronavírus no Brasil, apontou um crescimento de quase 14% em vendas de antidepressivos e estabilizantes de humor no período de janeiro a julho de 2020 em comparação com o mesmo período do ano anterior. Nosso estudo não analisou o uso de psicofármacos pelos trabalhadores do Pronto Atendimento com relação à pandemia do novo coronavírus, porém 40% dos entrevistados relatam estar usando a medicação há um ano, coincidindo com o início e agravamento da pandemia no Brasil.

Esse trabalho possui algumas limitações. Por ser um estudo transversal, com coleta de dados utilizando questionário autorreferidos, os participantes poderiam omitir as informações. Muitas vezes, declarar o uso de medicamentos psicoativos ou condições psicopatológicas podem ocasionar constrangimento, mesmo que de forma anônima. Apesar disso, nove de dez entrevistados que utilizam psicoativos relataram voluntariamente que o uso dessas substâncias estaria relacionada com a profissão ou o ambiente de trabalho. Os resultados desse estudo poderão ser utilizados para auxiliar nas políticas públicas dos trabalhadores da saúde, identificado os aspectos relacionados ao estresse profissional e na melhoria da qualidade do trabalho.

5. Conclusões

Constatou-se através dos dados obtidos com a amostra que há maior prevalência do uso de psicofármacos por profissionais mulheres que atuam no serviço de pronto atendimento da cidade de Canoinhas, SC. Os medicamentos mais utilizados foram o zolpidem e a fluoxetina sendo a insônia a causa mais prevalente seguido de ansiedade. Foi possível observar que a grande maioria dos profissionais que ali atuam consideram o ambiente de trabalho estressante e exaustivo, e considerar-se uma pessoa estressada ou o ambiente estressante são condições associadas ao consumo de psicoativos. O trabalho contribui ainda para revisar as doenças mentais e os medicamentos psicoativos mais utilizados. Por fim foi possível identificar que o estresse laboral vivenciado por profissionais que trabalham nos serviços de pronto atendimento à saúde da comunidade pode contribuir para a maior prevalência no consumo desses medicamentos.

Agradecimentos

Universidade Federal de Santa Catarina e curso de graduação em Biologia.

6. Referências

1. Santos AFdO, Cardoso CL. Profissionais de saúde mental: manifestação de stress e burnout. Estudos de Psicologia (Campinas). 2021; 27:67-74. .
2. Muller AE, Hafstad EV, Himmels JPW, Smedslund G, Flottorp S, Stensland S, et al. The mental health impact of the covid-19 pandemic on healthcare workers, and interventions to help them: A rapid systematic review. Psychiatry research. 2020 ; 293.
3. Silva MdCdM, Gomes ARdS. Stress ocupacional em profissionais de saúde: um estudo com médicos e enfermeiros portugueses. Estudos de Psicologia (Natal). 2021; 14:239-48.
4. Maciel MdPGS, Santana FL, Martins CMA, Costa WT, Fernandes LdS, de Lima JS. Use of psychoactive medication between health professionals. Journal of Nursing UFPE on Line. 2017; 11:2881-7.
5. Díaz LC, Ulloa CM, De Freitas FT, Amorim LA, Barcelos MCD, Valenzuela SVS, et al. El uso de drogas en el personal de enfermería. Cienc enferm. 2011; 17(2):37-45.
6. Martins LAN. Saúde mental dos profissionais de Saúde. Revista Brasileira de Medicina do Trabalho. 2021; 1:59-71.
7. Cosci F, Chouinard G. Acute and Persistent Withdrawal Syndromes Following Discontinuation of Psychotropic Medications. Psychotherapy and psychosomatics. 2020; 89(5):283-306.
8. Ferreira NdN, Lucca SRd. Síndrome de burnout em técnicos de enfermagem de um hospital público do estado de São Paulo. Revista Brasileira de Epidemiologia. 2021; 18:68-79.
9. Gomes AR, Cruz JF, Cabanelas S. Estresse ocupacional em profissionais de saúde: um estudo com enfermeiros portugueses. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2021 ;25:307-18.
10. Prado CEPd. Estresse ocupacional: causas e consequências. Rev Bras Med Trab. 2021;14(3):285-9.
11. Trigo TR, Teng CT, Hallak JEC. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo). 2021; 34:223-33.
12. de Moraes IMF, Almeida RJ. Estrés laboral del trabajo de enfermería en Brasil: una revisión integrativa. <https://periodicosuniforbr/RBPS>. 2017.
13. Wanderley TdC, Cavalcanti AL, Santos S. Práticas de saúde na atenção primária e uso de psicotrópicos: uma revisão sistemática da literatura. Revista de Ciências Médicas e Biológicas. 2013; 12(1):121-6.
14. Luz TCB, Luiza VL, Avelar FG, Hökerberg YHM, Passos SRL. Consumo de medicamentos por trabalhadores de hospital. Ciência & Saúde Coletiva. 2021; 17:499-509.
15. Ferreira LAL, Ferreira LL. Depressão no trabalho da enfermagem: revisão sistemática de literatura. Universitas: Ciências da Saúde. 2015; 13(1): 41-8. pt.
16. Galindo RH, Feliciano KVDO, Lima RAdS, de Souza AI. Síndrome de Burnout entre enfermeiros de um hospital geral da cidade do Recife. Revista da Escola de Enfermagem da USP. 2021;46(2):420-7.
17. Lopes MJM, Leal SMC. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. Cadernos Pagu. 2021: 105-25.
18. Alves AP, Pedrosa LAKC, Marli Aparecida Reis; , Miranzi MAS, Hass VJ. Prevalência de transtornos mentais comuns entre profissionais de saúde. Revista de Enfermagem da UERJ; 2015; 23:64-9. pt.
19. Ghaemi SN. A New Nomenclature for Psychotropic Drugs. Journal of clinical psychopharmacology. 2015; 35(4): 428-33.
20. Wong DT, Bymaster FP, Engleman EA. Prozac (fluoxetine, Lilly 110140), the first selective serotonin uptake inhibitor and an antidepressant drug: twenty years since its first publication. Life sciences. 1995; 57(5):411-41.
21. Monti JM, Spence DW, Buttoo K, Pandi-Perumal SR. Zolpidem's use for insomnia. Asian journal of psychiatry. 2017; 25:79-90.
22. Oliveira LA, Baldaçara LR, Maia MZB. Afastamentos por transtornos mentais entre servidores públicos federais no Tocantins. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. 2021;40:156-69.
23. Bittar CML, Gontijo IL. Automedicação entre as trabalhadoras de enfermagem de um hospital de Uberaba MG. Revista Gestão & Saúde. 2015; 6(2):1229-38.
24. Fernandes MA, , Soares LMD, Silva JS. Work-related mental disorders among nursing professionals: a Brazilian integrative review. Rev Bras Med Trab. 2018; 16(2): 218-24.
25. Fabri JMG, Noronha IdR, Oliveira EB, Kestenberg CCF, Harbache LMA, Noronha IdR. Occupational stress in pediatric nurses: physical and psychological manifestations. Rev. baiana enferm. 2018; 32: e25070.
26. Souza ARLd, Opaleye ES, Noto AR. Contextos e padrões do uso indevido de benzodiazepínicos entre mulheres. Ciência & Saúde Coletiva. 2021; 18:1131-40.
27. Mendonça RT, Carvalho ACDD. O papel de mulheres idosas consumidoras de calmantes alopáticos na

- popularização do uso destes medicamentos. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2021; 13:1207-12.
28. Souza FGdM. Tratamento da depressão. *Brazilian Journal of Psychiatry*. 2021; 21:18-23.
 29. Auchewski L, Andreatini R, Galduróz JCF, Lacerda RBd. Avaliação da orientação médica sobre os efeitos colaterais de benzodiazepínicos. *Brazilian Journal of Psychiatry*. 2021; 26:24-31.
 30. Aquino EMLd, Araujo MJS, Menezes GMdS, Marinho LdFB. Saúde e trabalho de mulheres profissionais de enfermagem em um hospital público de Salvador, Bahia. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2021; 46:245-57.
 31. Barbosa FT, Eloi RJ, Santos LM, Leão BA, Lima FJcd, Sousa-Rodrigues CF. Correlação entre a carga horária semanal de trabalho com a síndrome de burnout entre os médicos anesthesiologistas de Maceió-AL. *Brazilian Journal of Anesthesiology*. 2017; 67(2): 115-21.
 32. Schmidt B, Crepaldi MA, Bolze SDA, Neiva-Silva L, Demenech LM. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 2021; 37.
 33. Prado AD, Peixoto BC, Silva AMB, Scalia LAM. La salud mental de los profesionales de la salud delante de la pandemia COVID-19: una revisión integradora. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*. 2020; 46: e4128.
 34. Kang L, Li Y, Hu S, Chen M, Yang C, Yang BX, et al. The mental health of medical workers in Wuhan, China dealing with the 2019 novel coronavirus. *The Lancet Psychiatry*. 2020; 7(3): e14.
 35. Liu Z, Hu S, J. L, Ma S, Wang Y, Cai Z, et al. Factors Associated With Mental Health Outcomes Among Health Care Workers Exposed to Coronavirus Disease 2019. *JAMA network open*. 2020; 3(3): e203976.